



Quem Traduz o Brasil no Exterior?¹

Claudia Borges de Faveri²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Nosso interesse se volta, neste trabalho, para o tradutor que traduz o Brasil no exterior. Se ele é, apesar de sua inegável invisibilidade e transparência, um agente fundamental para a efetivação do processo de passagem que é a tradução, a pergunta que fazemos é: quem traduz o Brasil no exterior, por que o faz, por que meios, quais as editoras que publicam estas traduções, as iniciativas de tais traduções partem de quem? Inúmeras perguntas que merecem uma investigação mais detalhada. As traduções de Guimarães Rosa para o francês servirão como exemplificação do tipo de busca que propomos aqui.

Palavras-chave

História da tradução; Literatura brasileira traduzida; História editorial.

Quem Traduz o Brasil no Exterior?

Jenny Williams e Andrew Chesterman, em seu *The Map* (2002), oferecem uma útil descrição e delimitação da área dos Estudos da Tradução, identificando campos de pesquisa e temas a eles relacionados. Na lista, obviamente não exaustiva, de doze áreas de pesquisa elencadas, os autores situam a História da Tradução que, entre outras incumbências, deve poder estar apta a prover uma descrição circunstanciada e uma análise cuidadosa do agente deste processo tão complexo que é a tradução: o tradutor.

Se a tradução, tomada como processo, é um fenômeno multifacetado, exigindo abordagens específicas, a depender do enfoque selecionado, escolher o tradutor como objeto de pesquisa não é menos complexo, na medida em que a ele convergem questões fundamentais e, também aqui, de múltiplas implicações. Isto significa dizer que a pergunta “quem é o tradutor?” pode desdobrar-se de maneira exponencial, pois sob a aparente univocidade do tema inscrevem-se questões que vão do resgate histórico ao

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



estudo sociológico, da pedagogia da tradução aos aspectos propriamente mercadológicos. Psicanálise e filosofia também podem se ver implicadas nesta busca pelo sujeito tradutor. Williams e Chesterman (2002, p. 17) lembram que esta é uma abordagem com inúmeros desdobramentos: da redescoberta de tradutores relegados ao esquecimento, relacionando-os a suas traduções, como também à investigação das dinâmicas envolvidas em seu trabalho, situando-os como agentes do espaço intercultural multilíngue do qual são os principais atores.

De toda maneira que se olhe, o tradutor é este personagem múltiplo, agente de uma troca que se estabelece por motivos os mais diversos e da qual ele pode ser o fator humano determinante. Mas ele pode também ser o mais que evidente reflexo de uma época e lugar. Uma das mais antigas atividades humanas, a tradução é vista, ainda em nossos dias, com proverbial desconfiança. São inúmeros os testemunhos dessa postura perante a atividade tradutória, sendo o tradutor, no mais das vezes, o alvo preferencial deste ataque concertado historicamente. Repetido à exaustão, o conhecido adágio italiano encima um sem número de objeções à tradução e ao tradutor em primeiro lugar.

A figura do tradutor foi, por tempo demais, colocada em suspensão, ignorada ou deixada em segundo plano, quando não francamente hostilizada. Mas não se trata de proceder a uma “litania do abuso”, como previne Lawrence Venuti (2002, p. 9), segundo ele, um risco sempre presente quando se aponta a situação, em muitos aspectos marginal, da tradução e do tradutor. As razões de tal condição são culturais, historicamente reforçadas e, sem dúvida, também, econômica e politicamente perpetuadas.

Entende-se atualmente que o tradutor não é mais um mero transpositor linguístico, mas muito mais um coprodutor da obra traduzida, ou, até, a depender do projeto de tradução, um escritor. A pesquisa que propomos aqui parte da conjugação de propostas de vários teóricos do campo disciplinar do Estudos da Tradução no sentido da recuperação da figura do tradutor, pois entendemos ser esta uma posição metodológica essencial para a reconstituição de uma história desde sempre não lembrada. É ainda importante salientar que buscar o tradutor é uma das tarefas indispensáveis para a compreensão e análise da prática tradutiva e seu produto: o texto traduzido.

Em um olhar retrospectivo, os Estudos da Tradução, como área formalmente instituída, têm periodicamente concertado esforços em torno da questão histórica. O homem traduz desde tempos imemoriais e a tradução é tão antiga quanto o primeiro contato entre grupos humanos de línguas diferentes. Compreender o texto traduzido,



analisar o sistema que ele forma, conduz necessariamente o pesquisador ao tradutor e ao trabalho tradutivo que ele empreende. Como destaca Antoine Berman (1995), face a uma tradução deve-se colocar firmemente a questão: quem é o tradutor? Assim como Berman (1995), Venuti e Ricoeur, entre outros teóricos, cujas reflexões e trajetórias analíticas adotamos, em alguns de seus aspectos, nesta pesquisa, queremos saber mais sobre o tradutor.

Mas de qual tradutor estamos falando? Nosso interesse se volta, neste momento, para o tradutor que traduz o Brasil no exterior. Se ele é, apesar de sua inegável invisibilidade e transparência, um agente fundamental para a efetivação do processo de passagem que é a tradução, a pergunta que fazemos é: quem traduz o Brasil no exterior, por que o faz, por que meios, quais as editoras que publicam estas traduções, as iniciativas de tais traduções partem de quem? Inúmeras perguntas que merecem uma investigação mais detalhada.

Apresento, como exemplo, as traduções de Guimarães Rosa para o francês. São dados ainda iniciais, perguntas de certa maneira ainda introdutórias que devem se desdobrar e complexificar.

Guimarães Rosa vem sendo traduzido para o francês desde 1961. Quem são os agentes desta passagem, seus tradutores, e qual sua relação com a literatura brasileira? São as perguntas para as quais esboçaremos algumas respostas aqui. A análise de elementos paratextuais de algumas dessas traduções completam esta reflexão que busca compreender como a França recebe a prosa complexa de Guimarães Rosa.

Neste olhar dirigido ao estrangeiro que traduz e publica literatura brasileira, guiam-nos reflexões de teóricos que, de diferentes maneiras, se voltam para a questão do outro, da diferença que ele institui, de sua aceitação e acolhida, ou, ao contrário, de sua aculturação, questão central no campo da tradução desde Friedrich Schleiermacher (1813). Sendo assim, balizam nossa análise o tradutor de carne e osso e a intercultura de Anthony Pym (1998), a tradução ética que é o ‘albergue do longínquo’, na bela fórmula de Antoine Berman (1999), acompanhados de Lawrence Venuti (1995) para quem as traduções são sempre, em certa medida, naturalizadas, domesticadas.

Passemos, isto posto, ao que se fez com Guimarães Rosa em francês. Segue, primeiramente, uma breve descrição dos caminhos trilhados pelas traduções de suas obras, sua ordem de publicação, quem são seus tradutores e as editoras que as publicaram. Estas informações apenas aparentemente são acessórias. Elas dizem muito,

na verdade, sobre como um sistema literário acolhe determinado texto, como ele será recebido por público e crítica, como se dará sua trajetória neste novo ambiente cultural.

O primeiro livro de Guimarães Rosa traduzido para o francês foi *Corpo de Baile*, publicado pela Seuil em dois volumes, em 1961 e 1962, sob os títulos de *Buriti* e *Les Nuits du Sertão*. Publicado originalmente no Rio de Janeiro em 1956, *Corpo de Baile* chega à França pelas mãos de Jean-Jacques Villard. É do mesmo tradutor a primeira tradução para o francês de *Grande Sertão: Veredas*, publicado pela Albin Michel, em 1965. Em francês a obra passa a se chamar *Diadorim*. Villard traduzirá também, em 1969, ainda para a Seuil, o terceiro volume de *Corpo de Baile*, com o título de *Hautes Plaines*.

Treze anos passarão antes que uma nova obra de Guimarães Rosa chegue ao mercado editorial francês. Inês Oseki-Dépré traduz *Primeiras Estórias*, em 1982: *Premières Histoires*. A editora é a pequena Métailié, que possui uma coleção intitulada ‘Bibliothèque Brésilienne’. Uma retradução de *Grande Sertão: Veredas*, por Maryvonne Lapouge-Pettorelli, é publicada em 1991, pela mesma Albin Michel da primeira edição de 1965. Segue *Tutaméia-Terceiras Estórias*, em 1994, para a Seuil, traduzido por Jacques Thiériot. Curiosamente, *Sagarana*, publicado no Brasil em 1946, só é apresentado ao público francês em 1997, pelo mesmo tradutor: Jacques Thiériot. Ou seja, lá chega como obra de escritor conhecido e consagrado, aqui, livro de estréia de um Guimarães Rosa ainda desconhecido. *Sagarana* sai na coleção ‘Les Grandes Traductions’ da Albin Michel, assim como *Grande Sertão: Veredas*. Jacques Thiériot traduzirá ainda, em 2000, *Meu Tio o Iauaretê: Mon Oncle le Jaguar*.

Temos aí quatro tradutores, seis obras traduzidas, uma retradução, e, dado importante, retradução da obra maior do escritor. Quem são estes tradutores? E por qual razão traduzem Guimarães Rosa? Jean-Jacques Villard é tradutor profissional, traduz diversas línguas e nada leva a supor uma relação mais íntima com o cenário literário brasileiro. Apesar disso, é ele que vai introduzir Guimarães Rosa no sistema literário francês, com suas traduções de *Corpo de Baile* e de *Grande Sertão: Veredas*.

Inês Oseki-Dépré, diferentemente, é brasileira de nascimento, naturalizada francesa, professora de literatura comparada na Universidade de Aix-en-Provence e tradutora de autores brasileiros e portugueses consagrados: Haroldo de Campos e Fernando Pessoa, além de Guimarães Rosa. Do mesmo modo, o tradutor de *Sagarana*, Jacques Thiériot, parece ter com a literatura brasileira uma relação bem mais próxima do que aquela que teria Villard. Além de Guimarães Rosa, Thiériot traduziu Mario de



Andrade, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro e Luiz Ruffato, entre outros. Maryvonne Lapouge-Pettorelli, que retraduz *Grande Sertão: Veredas* em 1991 é, especificamente, tradutora de obras de autores brasileiros e portugueses.

Parece válido postular, neste cenário, uma mudança na relação de obras brasileiras traduzidas com o sistema literário francês. Senão deste com o sistema literário brasileiro, ao menos com a obra de Guimarães Rosa. E neste ponto é quase irresistível especular se são esses tradutores que modificaram aquela relação ou se esta última, em se transformando, exigiu novos tradutores. Uma relação dialógica provavelmente despontaria no horizonte. Pym (1998) oferece a hipótese inicial de que tradutores são as causas ativas e efetivas de traduções, e por isso eles merecem a atenção de pesquisadores que freqüentemente os deixam de lado, em favor de análises comparativas, literárias ou textuais. À figura abstrata, impessoal e invisível do tradutor, Pym (1998, p. 161) propõe um tradutor de carne e osso, que tem um corpo, se move, tem desejos: “I refer to people with flesh-and-blood bodies. If you prick them, they bleed”. Marie-Hélène Torres (2004, p. 50) chama a atenção sobre o ambiente da tradução, que seria “o conjunto de fatores interdependentes que vão produzir um certo impacto sobre a tradução”. A seleção e a iniciativa da tradução, de seus editores e tradutores são alguns desses fatores. Quem teve a idéia e a iniciativa de traduzir determinada obra? O editor? O tradutor? O quanto este último está pessoalmente envolvido com determinado projeto de tradução?

Quatro tradutores, diferentes trajetórias e motivações. Jean-Jacques Villard e Maryvonne Lapouge-Pettorelli, parecem corresponder muito mais à figura tradicional do tradutor profissional, traduzindo para uma grande editora, influenciando muito pouco no projeto tradutivo que realizam. Inês Oseki-Dépré e Jacques Thiériot, ao contrário, parecem, de maneira muito mais clara, situar-se no que Pym (1998) chama de intersecção de culturas, com uma relação muito próxima com o Brasil e sua literatura. Ao que tudo indica, por exemplo, foi Thiériot quem sugeriu a Antunes Filho a adaptação teatral de *Macunaíma*, como o próprio diretor conta em entrevista à Folha de São Paulo:

Aí alguém escrevia. A gente avançou assim, cena por cena. Quando juntou mais ou menos tudo, dava seis horas de espetáculo. Aí a gente chamou o homem que estava vertendo para o francês, Jacques Thiériot. "Fica ali na mesinha escrevendo", outro ficava fazendo a cena, e foi assim. Foi assim que foi criado, na base da improvisação o tempo todo. [...] A

idéia do "Macunaíma" sabe quem deu? Foi o próprio Jacques Thiériot, na mesa do Gigetto (restaurante em São Paulo). Foi aí que eu fui pegar. Eu peguei e li.³

Esse episódio parece ilustrar a relação de Thiériot com o universo cultural brasileiro, e esta é uma relação próxima. O mesmo pode ser dito sobre Oseki-Dépré que mantém estreita relação com o sistema literário brasileiro, tanto como tradutora, quanto como pesquisadora da área. A afirmação segundo a qual “an un-specified number of translators can be seen as members of intercultures or as having some degree of interculturality” (PYM, 1998, p. 177) circunscreve bastante apropriadamente o lugar e o horizonte destes dois tradutores, relativamente aos sistemas literários francês e brasileiro.

Grande Sertão: Veredas já havia sido traduzido pelos americanos, em 1963, e pelos alemães, em 1964, quando chegou pela primeira vez na França, em 1965. Vinha então como obra já consagrada no mercado literário internacional, talvez por isso tenha merecido fazer parte da coleção ‘Les Grandes Traductions’ de uma prestigiada editora como a Albin Michel. A obra-prima de Guimarães Rosa é retraduzida vinte e seis anos depois, publicada na mesma coleção e reeditada pelo menos mais duas vezes até o fim da década. As duas reedições que seguem, em 1995 e 1997, se distinguem pelo fato de a primeira delas ser publicada numa edição de bolso, o que atesta seu sucesso comercial, e a segunda merecer uma edição mais cara em termos editoriais. Em ambos os casos, o sucesso e a estabilidade da obra no mercado francês se evidenciam. Uma terceira reedição de *Grande Sertão: Veredas* (em francês: *Diadorim*), em 2006, parece confirmar esta interpretação.

Curiosamente, as traduções para as outras línguas européias conservam o título original, ou pelo menos parte dele: *Grande Sertão: Roman* em alemão, *Grande Sertão: Romanzo* em italiano e *Gran Sertón: Veredas* em espanhol. Os dois tradutores franceses preferiram *Diadorim* como título. As razões desta escolha não são mencionadas em parte alguma. Torres (2004) sugere que talvez se tenha querido evitar uma confusão possível com a tradução de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, cuja tradução de 1947 havia recebido o título francês de *Les Terres de Canudos – Os Sertões*. Ou ainda, sempre segundo Torres (2004), estaríamos diante de uma tentativa de evitar um título muito estrangeiro e pouco familiar, com termos muito marcados, como ‘sertão’ e

³ Entrevista concedida a Nelson de Sá e Marcelo Rubens Paiva para o Jornal Folha de São Paulo de 6 de fevereiro de 2000.

‘veredas’. O que é inegável, quaisquer que tenham sido as razões desta mudança, é que *Diadorim*, como título, certamente direciona muito mais a leitura para a trama/romance/mistério que envolve a personagem Reinaldo/Diadorim do que faz a obra original ou suas outras traduções européias.

Os prefácios e textos que acompanham as traduções de *Grande Sertão: Veredas*, em 1965 e 1991, o que Gérard Genette (1982) chama de ‘paratextos’ (GENETTE, Gérard. *Palimpsestes - La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982), podem demonstrar o grau de comprometimento do tradutor com sua obra e também, não menos relevante, qual a importância que a editora empresta a este projeto de tradução. A tradução de 1965 vem acompanhada tão somente de uma nota do tradutor, Jean-Jacques Villard, na qual nada se fala de tradução. O tradutor não nos informa sobre sua visão de tradução ou que estratégias tradutivas empregou, seu projeto e horizonte de tradução permanecem ocultos ou inconscientes. Limita-se a situar a trama e resumir [!] a obra em poucas linhas. Para uma obra importante, como é *Grande Sertão: Veredas*, e considerando-se que é esta a tradução que a introduz no cenário literário francês, a ausência de informações, a não ser por um pequeno texto elogioso na contracapa, faz pensar que o acompanhamento e investimento editorial na obra apresentam lacunas consideráveis.

Duas décadas e meia depois, nova tradução e nova edição parecem evidenciar um outro olhar sobre a obra. Agora há um prefácio de Mario Vargas Llosa, que empresta notoriedade à obra, visto que o escritor peruano é bastante conhecido e apreciado na França. Segue o prefácio um ‘avant-propos’, que é na realidade um excerto da correspondência de Guimarães Rosa com Edoardo Bizzarri, seu tradutor italiano, no qual o autor explica certos termos topográficos e geográficos: veredas, chapadas, chapadões, cerrado e outros. Nenhuma alusão é feita ao fato de que este texto foi escrito no contexto da tradução de *Corpo de Baile*, que fazia Bizzarri à época da correspondência.

Encerra o conjunto dos paratextos que antecedem a obra uma nota da tradutora, não mais que dois parágrafos, na qual ela explica sua estratégia de tradução para os numerosos termos relativos à fauna e flora. Ela explica que segue as recomendações feitas pelo próprio Guimarães Rosa ao primeiro tradutor francês e também a seu tradutor italiano, quais sejam: substituir termos brasileiros por termos franceses familiares, sem preocupar-se muito com a exatidão, utilizar procedimentos pouco usuais de criação vocabular misturando as duas línguas e, finalmente, dar preferência às

dimensões poética e mítica, que devem “dans l’esprit des traducteurs, et des lecteurs futurs, toujours primer sur celle de l’immédiate réalité”⁴ (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 17).

Um detalhe desta edição que não pode deixar de surpreender é a fotografia da capa: um vaqueiro gaúcho laçando cavalos. A referência da fotografia é dada na contracapa: “Adelante cavalos! Gaucho brésilien da la Campanha (D.R.)”. Talvez seja o caso de lembrar: trata-se da tradução da obra maior de um de nossos maiores autores, mundialmente reconhecido, e de uma tradução para uma das mais prestigiadas editoras francesas.

Sagarana, como já dissemos, teve tardia publicação (1997) em terras francesas. A tradução é publicada pela Albin Michel, na coleção ‘Les Grandes Traductions’, como a primeira tradução de *Grande Sertão: Veredas* trinta e dois anos antes. Como em muitas outras traduções de autores brasileiros, aparece na contracapa a indicação: ‘traduit du brésilien par’, o que denota certo cuidado e interesse dos editores em bem demarcarem que estão conscientes das diferenças linguísticas e culturais entre Brasil e Portugal, e mais, que esta tradução específica as leva em conta.

A edição francesa de *Sagarana* conta ainda com um prefácio do tradutor e um glossário em fim de volume. A conhecida carta a João Condé, em que Guimarães Rosa fala de seu trabalho de composição em *Sagarana*, é também traduzida e figura à guisa de prefácio. O prefácio de Thiériot lança alguma luz sobre sua relação com o texto de Guimarães Rosa e, citando a correspondência deste com Edoardo Bizarri, lembra a preocupação do autor com a música e a cor dos vocábulos, com sua força expressiva em um sistema de ecos e ressonâncias. Nota que as novelas e contos de *Sagarana* são uma incursão nos diversos caminhos da escrita e que a língua de Guimarães Rosa “se fraie, dans l’univers à la fois géographique et métaphysique de Minas Gerais, des voies parfois tortueuses, semées de pièges”⁵ (THIÉRIOT, 1997, p. 8). Uma sensação de estranheza espacial e temporal assalta, segundo ele, o tradutor, que deve procurar seus apoios na erudição do escritor — erudição que é, ao mesmo tempo, artesanal e telúrica, livresca e esotérica — e, também, na ambição de Guimarães Rosa pela língua perfeita.

O prefácio de Jacques Thiériot em *Sagarana*, em muitos aspectos, se diferencia daqueles dos tradutores de *Grande Sertão: Veredas*. Logo de início ele situa a obra em

⁴ [...] no espírito dos tradutores, e dos leitores futuros, sempre primar sobre aquela da imediata realidade.

⁵ [A língua de Guimarães Rosa] abre, no universo ao mesmo tempo geográfico e metafísico de Minas Gerais, vias às vezes tortuosas, permeadas de armadilhas.



suas origens e explicita, sem ambigüidades, seu texto de referência: a sexta edição de 1960. O tom é francamente pessoal, fala de suas dificuldades e desejo. Aqui, o tradutor se mostra, não é invisível.

Inês Oseki-Dépré, tradutora de *Primeiras Estórias*, é professora de literatura comparada na Universidade de Aix-en-Provence, pesquisadora da área de Estudos da Tradução e tradutora de autores brasileiros e portugueses importantes. Sua relação com os sistemas literários francês e brasileiro acrescenta, portanto, um tom especializado ao conjunto de tradutores de Guimarães Rosa na França. Em seu livro *Théories et Pratiques de la Traduction Littéraire* (1999), ela relata a experiência de traduzir Guimarães Rosa e, apresenta uma análise crítica de sua própria tradução. Mostrando os limites que encontrou no seu processo tradutivo, ela abre caminho para desvendar em que medida a prosa de Guimarães Rosa, na confluência de duas línguas, é o lugar do encontro com o outro.

Em nosso projeto de pesquisa, ainda em fase de implantação, buscamos desvendar os caminhos das obras brasileiras no exterior, não apenas no contexto francês, mas talvez apenas nele em um momento inicial. Nossas pesquisas iniciais vão nos dizer qual o melhor trajeto para chegar a esta descoberta.

Referências

BALLARD, Michel. **De Cicéron à Benjamin. Traducteurs, traductions, réflexions.** Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992.

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs.). **Os tradutores na história.** São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes - La littérature au second degré.** Paris: Seuil, 1982

GENETTE, Gérard. **Seuils.** Paris: Seuil, 1987.

MESCHONNIC, Henri. **Pour la poétique II.** Paris: Gallimard, 1973.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire.** Paris: Armand Colin, 1999.



PAES, José Paulo. **Tradução. A ponte necessária.** São Paulo : Ática, 1990.

PYM, Anthony. **Method in translation history.** Manchester, UK : St Jerome, 1998.

ROSA João Guimarães. **Sagarana.** Paris: Albin Michel, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Diadorim.** Paris: Albin Michel, 1991.

STEINER, George. **Après Babel – Une poétique du dire et de la traduction.** Paris: Albin Michel, 1998. Tradução de Lucienne Lotringer e Pierre-Emmanuel Dauzat.

TORRES, Marie-Hélène C. **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes.** Arras: Artois Presses Université, 2004.

VENUTI, Lawrence. “A invisibilidade do tradutor”. In **Palavra 3.** Rio de Janeiro: Grypho, 1995. Tradução de Carolina Alfaro.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation.** London/New York: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence (ed.). **Escândalos da tradução.** Bauru: EDUSC, 2002. Tradução de Laureano Pelegrin et al.